

## NOÇÃO DE PROGRESSO NA SOCIEDADE MODERNA, SEGUNDO MARCUSE.

*Carlos Ferreira dos Santos<sup>1</sup>*

106

**RESUMO:** O presente artigo é uma reflexão sobre conceito de progresso desenvolvido por Herbert Marcuse filósofo pertencente à Escola de Frankfurt. Para quem a sociedade ocidental moderna é guiada pela lógica do progresso técnico que está a serviço da lógica da produtividade. Tal lógica começa pela exploração e conquista da natureza, leva a supra racionalização da vida, onde a existência humana é marcada pela necessidade de trabalho alienado, que se baseia na crescente escassez de bens de consumo que incentiva a contínua produtividade. Marcuse elabora sua crítica a essa noção de progresso a partir de suas bases teóricas marxistas e à luz da teoria da repressão dos instintos da psicanálise freudiana.

**Palavra-Chaves:** Progresso. Produtividade. Necessidade. Dominação. Marcuse.

**ABSTRACT:** This article is a reflection on progress concept developed by Herbert Marcuse-philosopher of the Frankfurt School. For whom modern Western society is guided by the logic of technical progress that is at the service of the logic of productivity. Such logic begins with the exploration and conquest of nature, leads to a super rationalization of life, where human existence is marked by the need to work alienated, which is based on the growing scarcity of consumer goods which encourages the continuing productivity. Marcuse elaborates his critique to this notion of progress from his Marxist theoretical bases and in the light of the theory of repression from Freudian instinctual psychoanalysis point of view.

**Keywords:** Progress. Productivity. Rationalization. Need. Marcuse.

O objetivo deste artigo é analisar a formulação filosófica do conceito de progresso desenvolvida por Marcuse. À luz da Psicanálise, mais precisamente a partir do conceito de repressão, Marcuse sustenta sua teoria e elabora sua crítica e seu protesto à noção de progresso como desenvolvimento das forças

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Vigário paroquial – Paróquia Santa Margarida Curitiba-PR.

produtivas na civilização ocidental. Explicaremos as diferentes características atribuídas pelo autor ao progresso na civilização industrial. A conquista da natureza, a supra racionalização da vida, a existência marcada pela necessidade de trabalho alienado, a crescente escassez que cria a necessidade de contínua produtividade compõem os elementos que serão trazidos à luz neste artigo.

Marcuse define os dois tipos de progresso que caracterizam a civilização moderna. Um tipo que ele chama de “quantitativo” (MARCUSE, (1968), 2001, p. 112), que não possui nenhuma valorização positiva, consiste no avanço do desenvolvimento da civilização, no aumento do conhecimento e das capacidades humanas, visa principalmente a dominação do meio ambiente e da natureza. Como resultado desse tipo de progresso a civilização alcançou um desejado nível de riqueza elevando o nível social e as condições de vida de muitas sociedades.

Na medida em que tais condições aumentam crescem também as necessidades e com isso a luta incessante para satisfazê-las. Diante desse crescente progresso, Marcuse questiona se o mesmo contribui igualmente para o aperfeiçoamento humano, isto é, para uma existência mais livre e mais feliz.

Ao conceito quantitativo chamado de progresso técnico, Marcuse contrasta com outra noção herdada da filosofia de Hegel. Para quem o progresso na história consiste:

[...] na realização da liberdade humana, da moralidade: um número cada vez maior de seres humanos torna-se livre e a própria consciência da liberdade incita uma ampliação do âmbito da liberdade. O resultado do progresso aqui consiste na humanização progressiva dos homens no desaparecimento da escravidão, do arbítrio, da opressão e do sofrimento. (MARCUSE, (1968) 2001, p. 113)

O conceito de progresso está ligado a uma ideia de humanização progressiva, ao desaparecimento da escravidão, da opressão, nesse sentido o progresso na história realiza a consciência de liberdade.

Entretanto, os dois conceitos de progresso operam em íntima conexão, pois segundo Marcuse o progresso técnico é anterior ao humanitário, servindo de pré-condição a ele. A instrumentalização da vida faz com a humanidade avance em suas condições de vida escalando degraus no nível de miséria e de escravidão chegando a níveis melhores de liberdade e de riqueza, isso pressupõe um quase que total domínio da natureza chegando a uma razoável satisfação

das necessidades humanas que podem ser correspondidas de maneira cada vez mais satisfatória e humanitária.

Marcuse, no entanto, procura cuidadosamente mostrar que não é automática nem totalmente verdadeira a passagem do progresso técnico ao humanitário. Para isso, é necessário analisar como a riqueza social é distribuída e a serviço de quem está o conhecimento e os recursos naturais. O progresso técnico pode até ser *pré-condição* da liberdade, mas não é seguro que o mesmo leve o indivíduo e a humanidade a uma liberdade maior.

Basta-nos evocar a idéia de um Estado de bem-estar totalitário, que há muito deixou de ser tão abstrata e especulativa, para perceber que aqui as necessidades humanas são mais ou menos satisfeitas, mas de tal maneira que os seres humanos, tanto na sua existência privada quanto na sua existência social, são administrados, do berço ao túmulo. Caso ainda se possa falar de felicidade, trata-se tão somente de uma felicidade administrada. (MARCUSE, (1968) 2001, p. 114).

Principalmente na sociedade industrial moderna onde o valor humano está na produtividade que abrange em si os bens materiais, intelectuais e a dominação da natureza. Nisso não vemos liberdade alguma. Tanto o progresso técnico que conduz à civilização como o progresso dos valores humanitários caminham juntos um atrelado ao outro.

Um aperfeiçoamento não caminhava separado do outro. Até a Revolução Francesa, o conceito de progresso foi predominantemente entendido dessa maneira. Foi Augusto Comte que procurou definir o conceito de progresso sem recorrer a valores, entendeu que do progresso técnico não pode resultar a perfeição humana. Dessa forma, Comte conferiu um caráter de neutralidade ao progresso, sendo o caráter qualitativo do progresso relegado ao campo da utopia.

O conceito de progresso desenvolvido nas sociedades ocidentais do século XIX, pretensamente livre de valores, tem uma característica que lhe é peculiar que é o da produtividade, não só para incrementar a produção de bens materiais e intelectuais, mas também para o domínio universal da natureza. A sociedade e seus indivíduos precisam satisfazer suas necessidades de bens materiais e intelectuais, portanto a produtividade de produtos de valores de uso<sup>2</sup> que

2 Conceito empregado Marx para designar que a utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. (O Capital, Vol I, p. 42)

devem reverter-se em favor das necessidades do ser humano. O conceito de necessidade engloba ao mesmo tempo, alimentação, roupa, habitação, medicamentos, mas também máquinas, armas, bombas, ou seja, a produtividade pode estar a serviço do homem como também pode trazer a sua destruição.

A pergunta que Marcuse se faz é: produtividade para quê? Ele mesmo conclui que a resposta mais acertada seria que a produtividade acaba por ser um fim em si mesmo. A obtenção de bens para a satisfação de necessidades não tem sido organizada com o objetivo de melhor satisfazer às crescentes necessidades dos indivíduos. A produtividade aponta para certos tipos de alimentos, de habitação e de produtos que em vez de favorecer os indivíduos favorece a “racionalidade da dominação”. (MARCUSE, (1955), 1975, p. 52.)

Assim, a produtividade está intimamente ligada à segunda característica do progresso e passa a ser o rigorosamente protegido valor da sociedade moderna. Para manter a produtividade, que recebe o caráter de necessária para a manutenção da vida, entra em cena o trabalho, útil para manter a produtividade em seu pleno andamento, o qual é socialmente compreendido como “trabalho alienado”. (MARCUSE, 2001, p. 116.) O trabalho passa a ser automático, sem satisfação pessoal. Esse tipo de trabalho impede que o indivíduo realize suas capacidades humanas e satisfaça suas necessidades reais. Valores como paz, felicidade somados às pulsões são vistos como inferiores em uma hierarquia onde o valor supremo está em um tipo de razão. A paz e a felicidade deixam de ser fins e passam a ser subordinados mudando dessa maneira a ordem dos valores. Essa alteração da ordem dos valores corresponde a uma nova hierarquia das faculdades humanas intrínseca ao conceito de progresso vigente. As faculdades são agora de duas categorias ou entendidas de duas maneiras: superiores e inferiores, espirituais e sensíveis. Essas faculdades interagem entre si, só que a razão tem como tarefa controlar, coagir e até reprimir o mundo dos sentidos, das pulsões. De acordo com essa noção de progresso, a liberdade é entendida como a capacidade para coagir os sentidos e as pulsões.

Percebemos ser este mais um momento em que Marcuse realiza uma aproximação com as ideias de Freud, para quem todo progresso na civilização moderna está calcado na insatisfação humana, apontando ser o progresso um fator adicional de desapontamento humano.

Durante as últimas gerações, a humanidade efetuou um progresso extraordinário nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, estabelecendo seu controle sobre a natureza de maneira jamais imaginada. (FREUD, 1969, p. 107)

Para este tipo de progresso a satisfação não tem espaço, nem conteúdo de liberdade, a liberdade transcende a satisfação e se move em direção a algo superior. A liberdade passa a ser entendida como um fim, considerada um valor supremo, da mesma forma que a produtividade como vimos anteriormente. Portanto passa a ser vista de maneira dissociada da satisfação, tornando-se liberdade infeliz. A liberdade aqui entendida como aquilo que se opõe às inclinações do homem.

Admite que toda melhora na vida do homem se dá à custa de alguma insatisfação, de renúncias, de sacrifícios, não existe bônus sem ônus, de onde se conclui que qualquer forma de satisfação não tem utilidade para o progresso, ao contrário toda forma de sofrimento será aceita. Seguindo tal raciocínio a frustração passa a funcionar como estímulo ao trabalho e, portanto relevante para a civilização.

Conduz sua análise sobre o progresso para o centro da problemática freudiana e cita Freud, “nem a felicidade nem a liberdade são produtos da civilização. Felicidade e liberdade são incompatíveis com a civilização”. (MARCUSE, 2001, p. 120.) No sistema capitalista, os homens por estarem a serviço de forças opressoras, que lhe são alheias, são impedidos de realizar sua essência, sendo essa, segundo Marcuse, a causa de infelicidade.

O tempo foi outro conceito que sofreu alterações a partir da noção moderna de progresso. Este foi compreendido de forma linear. O presente é vivido em função de um futuro incerto, o passado fica para trás sem possibilidade de retorno. O que passou, passou, mas por não ter sido totalmente superado o passado ainda influencia e determina o presente. A consequência disso é que entendido o tempo dessa maneira, o tempo pleno, a duração da satisfação, a duração da felicidade individual, só pode ser visto como algo fora do indivíduo, sobre humano, como uma beatitude, imaginável somente para depois dessa vida.

O conceito de progresso explicitado por Marcuse está carregado de negatividade, o que faz com que o mesmo se aproxime do que Freud afirmou: o progresso está necessariamente fundado na infelicidade e nela se mantém. A energia poupada através da repressão e desviada de seu fim primário torna possível o progresso na civilização. Havendo com isso uma subjugação do princípio de prazer pelo princípio de realidade. O novo princípio que demanda renúncias, que se impõe sobre o princípio do prazer, é o princípio da “renúncia produtiva”, (MARCUSE, 2001, p. 122) que consiste em imposições sociais que instrumentaliza o princípio do prazer transformando-o em instrumento de trabalho, utilizável produz civilização e cultura transformando o indivíduo em

um agente para o trabalho. Através dessa dinâmica, o princípio de realidade é idêntico ao que se pode chamar de princípio do progresso.

Para analisar essa problemática Marcuse se apoia na versão tardia da teoria das pulsões de Freud, que opõe *Eros* e pulsão de morte.

Da dominação de *Eros* pelo princípio de realidade, ocorre o que Freud chamou de sua “transformação”. (Marcuse, 2001, p. 123). Ele que em seu estado original é mais que sexualidade, após sofrer essa transformação opera como mera sexualidade posta a serviço da reprodução. Ocorre como consequência dessa operação a *dessexualização* do organismo, que passa a ser um corpo fornecedor de energia para o trabalho, o organismo converte-se em instrumento para o trabalho.

O tempo de trabalho, que ocupa a maior parte do tempo de vida de um indivíduo, é um tempo penoso, visto que o trabalho alienado significa ausência de gratificação, negação do princípio de prazer. A libido é desviada para desempenhos socialmente úteis, em que o indivíduo trabalha para si mesmo somente na medida em que trabalha para o sistema, empenhado em atividades que, na grande maioria dos casos, não coincidem com suas próprias faculdades e desejos. (MARCUSE, 1975, p. 58)

Entretanto, a energia instintiva retraída e desviada não se acumula necessariamente nos instintos agressivos, passa a ser usada socialmente e em proveito da vida do indivíduo. As restrições tornam-se racionais na medida em que vão impregnando a sociedade como um todo. Agem sobre o indivíduo como leis objetivas, força internalizada, uma espécie de autoridade social, que é absorvida na consciência e no inconsciente do indivíduo atuando como seu próprio desejo, moralidade e satisfação. Essa operação que Marcuse dá o nome de mais-repressão introjetada leva o indivíduo sentir-se razoavelmente feliz. Embora sendo razoável e fracionada ela habilita-o a seguir em seu desempenho. Nessa engrenagem a repressão objetiva tende a desaparecer, os indivíduos cumpridores e obedientes sentir-se-ão recompensados. Recompensa que será reproduzida na sociedade como um todo. Reforçando o caráter histórico e social da repressão, Marcuse mostra que esta pode ser diferente “em escopo e em grau” (MARCUSE, 1975, p. 52), de acordo com o tipo de produção e de

economia. Essas diferenças são importantes, pois delas dependem o conteúdo do princípio de realidade que deve estar em consonância com os objetivos das instituições que impõem a requerida modificação dos instintos.

De forma semelhante a pulsão de morte também passa por uma transformação repressiva e o resultado pode ser mais energia em benefício da vida social. A energia acumulada com a repressão da pulsão de morte é dirigida para fora do organismo como energia socialmente útil. O fim da pulsão de morte deixa de ser a destruição da própria vida e passa a ser a destruição de outra vida. A destruição da natureza, sob forma de domínio da mesma e como destruição de inimigos reconhecidos como ameaça dentro e fora da nação. Além dessa saída da pulsão de morte para o exterior existe uma outra voltada para o interior do organismo. A destrutividade aparece como fator cultural imprescindível. A energia destrutiva é utilizada pelo organismo como moral social, que se localiza no superego e impõe ao ego as exigências do princípio de realidade.

A transformação repressiva da energia das pulsões torna possível o progresso cultural, que numa dinâmica de negar-se a si mesmo e em forma de “um círculo vicioso do progresso” (MARCUSE, 2001, p. 127) continua sendo progresso. As inclinações humanas são subordinadas à razão, a felicidade à liberdade para que os homens motivados por uma promessa de felicidade se mantenham no trabalho, permaneçam produtivos, se proibam do desfrute de sua produtividade tornando quase que perpétua a produtividade.

A tese de Marcuse de que o progresso provém de uma determinada organização histórica da dominação que se desenvolve em ciclos, aponta para uma superação do ciclo repressivo do princípio de progresso, uma vez que a modificação repressiva das pulsões que forma o conteúdo essencial do conceito de progresso não é natural, nem historicamente inalterável. Tal modificação possui em si seu limite, se esta é histórica, depois de cumprir sua função e superado a impotência humana e escassez de bens uma sociedade livre se torna uma possibilidade real.

Com isso o princípio de realidade repressivo torna-se desnecessário, pois a civilização alcançou um estágio no qual a eliminação de um modo de vida que força a repressão das pulsões é uma possibilidade realizável. O ciclo repressivo é quebrado e pode se prever uma situação social na qual não exista produtividade como resultado da renúncia e que não exista trabalho alienado. Marcuse pensa em uma mecanização tal do trabalho que permitirá que boa parte daquela energia pulsional que precisava ser desviada para o trabalho reassuma sua forma original, volta a ser pulsão de vida.

Para que a civilização alcance tal grau de evolução é preciso que um princípio de realidade “qualitativamente diferente” (Marcuse, 2001, p. 132) substitua o princípio de realidade repressivo, levando a uma mudança radical tanto no plano psíquico como no plano histórico-social. O próprio Marcuse reconhece que tal situação não passa de utopia, contudo que aconteceria se tal possibilidade se tornar cada vez mais real? Numa tentativa de resposta Marcuse recorre mais uma vez aos conceitos de Freud para deles extrair possíveis consequências.

Uma consequência seria a força da energia pulsional, liberada pela mecanização do trabalho, não ser mais empregada em atividades desprazerosas e voltaria a ser energia erótica. Segundo, tudo o que tinha sido restringido, reprimido e dessexualizado pelo princípio de realidade repressivo poderia ser reativado. Em terceiro lugar a sublimação assumiria sua verdadeira função, a de força criadora de cultura. Outra hierarquia de valores do princípio de progresso não repressivo ocuparia o parâmetro da vida e da civilização, por exemplo, o trabalho alienado transformar-se-ia no livre jogo de forças e capacidades humanas, a existência seria ser-aí (Da-Sein) uma existência marcada por aquilo que existe e que pode existir. No texto de 1968, Marcuse reconhece que foi longe demais em sua hipótese, pois a realidade parece outra muito distante das hipóteses levantadas. Há um contraste enorme entre as hipóteses e a realidade do que existe atualmente, tal contraste aponta para algo de fundamental importância.

Quanto menos a renúncia e as restrições são biológica e socialmente necessárias, tanto mais os homens precisam ser transformados em instrumentos de uma política repressiva que os desvia da realização de possibilidades sociais em que teriam pensado por conta própria. (MARCUSE, 2001, p. 138)

Marcuse parece convicto que há condições para uma existência diferente e foi para ela que ele direcionou suas reflexões para a possibilidade de uma vida não repressiva e, portanto uma vida feliz. Assinalamos algumas saídas, mesmo entendendo que ainda se trate de utopia. Ele viu como possível a superação do ciclo vicioso do progresso na civilização, a sociedade industrial alcançaria certo estágio no qual o princípio de repressão, suporte do progresso moderno, torna-se obsoleto e supérfluo, sendo possível um princípio de progresso não-repressivo. Viu nos primeiros textos de Schiller, na conciliação entre razão e



estética uma possibilidade plausível. Invocou Hegel para afirmar que só enquanto interesse particular se realiza o progresso, só o interesse particular leva uma pessoa à paixão da luta numa possibilidade histórica razoável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marcuse se insere numa sociedade que alcançou um alto nível de produtividade e um elevado grau de civilização, mas ainda assim é incapaz de prosseguir para além da lógica da dominação que se impõe sobre os homens e a natureza. Diante desse panorama, o autor toma posse da psicanálise como ferramenta para entender os impasses sofridos por aquela sociedade. De forma crítica, prosseguiu em seus desdobramentos tendo a economia libidinal de Freud como ponto de partida para compreender o mecanismo de funcionamento do progresso que tem como base a repressão dos instintos, estes são desviados de sua função primária para outros fins.

A crítica ao progresso nas sociedades ocidentais é mais um dos temas que insere na corrente dos criadores da Teoria Crítica da sociedade. Anterior a isso, a revolução traída, questão muito presente em sua juventude também ganhou um colorido especial em sua filosofia. Elementos como estes levaram-no a intensificar suas pesquisas sobre os fenômenos culturais e sociais do capitalismo tardio.

Instigantes são os desdobramentos feitos por Marcuse ao conduzir, com rigor, o universo da crítica dirigida à lógica da dominação incentivadora do progresso tecnológico.

Que outro tipo de lógica, diferente da lógica da dominação, surge no horizonte marcuseano?

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1929). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1969e, p. 74-171.

MARCUSE, H. A noção de progresso à luz da psicanálise (1968). In: Cultura e Psicanálise, São Paulo: SP, Paz e Terra, 2001, p. 112-138.

\_\_\_\_\_. **Eros e civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud (1955)**. Tradução de Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MARX, K. **O Capital, Crítica da Economia política**, Vol. 1, 13<sup>a</sup>.ed, trad. de Reginaldo Santánna, Bertrand, Rio de Janeiro, 1989.